

O CONTO “A MOÇA TECELÃ”: EXPLORANDO GÊNEROS TEXTUAIS

Kátia Farias Antero

UniGrendal/ IESM/ Faculdade Maurício de Nassau
professorakatiaantero@hotmail.com

Germana E. Diniz Falcão Silva

UniGrendal
germanadiniz@hotmail.com

Eraldo Alves de Sousa

UniGrendal
eraldoalvessouza@gmail.com

Resumo: Tendo em vista que a educação está em movimento constante, o professor precisa propiciar atividades que promovam a aprendizagem a partir da exploração de gêneros textuais e evidentemente, o uso de texto é convidativo para que haja aprendizagem significativa. Isso ocorrerá mediante as ações docentes que devem ser correspondentes as necessidades dos alunos. Nessa perspectiva, essa pesquisa será desenvolvida tendo como ponto de partida o conto “A Moça Tecelã”, de Marina Colassanti, e as ações docentes partindo dos gêneros textuais que podem ser explorados nesse texto. A questão problema que nos motiva a desvendar essa pesquisa se porta: De que maneira o professor está preparado para trabalhar os gêneros textuais que um texto oferece e de que forma essas ações estimulam o aluno a ser leitor? O objetivo desse artigo visa oportunizar as possibilidades que são oferecidas no texto para trabalhar com gêneros textuais e, ainda, destacar a importância que há em o professor permitir-se em estar em constante formação continuada tendo a investigação como suporte para melhorar suas ações pedagógicas e o estímulo ao hábito de ler, uma vez que as formas como o trabalho com gêneros textuais são desenvolvidas podem estimular consideravelmente na formação de leitores. Participaram como sujeitos a professora de língua Portuguesa e 26 alunos do 6º ano ensino fundamental II de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande na Paraíba. Nesse sentido, como metodologia, desenvolvemos observações de campo *in lócus* da pesquisa com a pretensão de saber de que maneira a professora explora os gêneros textuais que são possibilitados no texto, realização de anotações diárias sobre tosa observação e leituras teóricas que fortalecessem as informações levantadas. Temos como parâmetros as contribuições de Freire, Ocem, dentre outros. A pesquisa revelou que à medida que o professor explora as idéias do texto e parte dele para trabalhar com gêneros textuais o aluno sente maior prazer em desenvolver leituras de textos diversos.

Palavras-chave: gêneros textuais, formação continuada, leitura, texto.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm revelado o movimento constante ao qual se encontra a educação. Junto a esse movimento surgem novas práticas, novas metodologias visando alcançar esses novos alunos que estão sendo inseridos na escola. Esse público requer visões prática dos conteúdos e essa também deve ser a visão do professor que precisa oferecer uma educação de qualidade.

Nesse contexto, é responsabilidade do professor possibilitar o ensino com mais profundidade e ao mesmo tempo com simplicidade. Parece meio contraditório, no entanto, ao destacarmos essa afirmação nos atemos que o docente deve ser um pesquisador de sua prática e mostrar ao aluno que o conhecimento está além do que se mostra aparente. É preciso atentar ao que está nas entrelinhas e isso pode e deve ser propiciado de maneira simples para que o aluno não tenha rejeição a essa nova forma de ensinar e aprender.

Atualmente os gêneros textuais são textos que fazem parte do nosso cotidiano e em toda parte encontramos com eles e como passaram a ser uma constante nas informações expostas ao nosso redor, cabe ao professor usufruir desses gêneros para atrair os olhares dos seus alunos.

Claro que quando falamos em gêneros textuais não estamos nos minimizando apenas ao trabalho dos professores de Língua Portuguesa ou ao ensino de línguas, mas qualquer professor pode ter como recursos a utilização de gêneros textuais para aproximar a compreensão dos que se estuda.

Desse modo é possível sim, que o professor explore diversos gêneros textuais para afirmar, reforçar e confirmar o que se lê dos conteúdos de maneira prática e essas novas ações acabam atraindo o olhar desses novos estudantes que são convidados a inserem-se na contextualização.

No entanto, questionamo-nos de que maneira o professor está preparado para trabalhar os gêneros textuais que um texto oferece e de que forma essas ações estimulam o aluno a ser leitor? Para responder a essa indagação, nosso trabalho buscará analisar algumas práticas desenvolvidas por uma docente com seus 26 alunos a partir do texto *A Moça Tecelã*. O objetivo desse artigo visa oportunizar as possibilidades que são oferecidas no texto para trabalhar com gêneros textuais e, ainda, destacar a importância que há em o professor permitir-se em estar em constante formação continuada tendo a investigação como suporte para melhorar suas ações pedagógicas e o estímulo ao hábito de ler, uma vez que as formas como o trabalho com gêneros textuais são desenvolvidas podem estimular consideravelmente na formação de leitores.

Investigações como essas são interessantes a todos os sujeitos que pretendem diversificar o modo de ensino / aprendizado em uma perspectiva contextualizada tendo os gêneros textuais como principais atores do cenário no cotidiano escolar.

Discutindo sobre gêneros textuais

Nas últimas décadas as pesquisas voltadas para os gêneros textuais têm ganhado cada vez mais espaços. Segundo Bazerman (2006, p. 31) “os gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas aos seus propósitos práticos”.

Assim, podemos destacar os gêneros textuais como uma forma de revelar os fatos que ocorre na sociedade. Essa informação é sustentada na idéia de que os gêneros surgem do ato de se comunicar.

Os estudiosos Dolz e Shneuwly (2004) defendem a idéia de o gênero ser visto como um instrumento que é utilizado em uma situação de linguagem. “Uma das particularidades desse tipo de instrumento - como de outros, alias - é que ele é constitutivo da situação: sem romance, por exemplo, não há leitura e escrita de romance”. (DOLZ E SHNEUWLY, 2004, p.52).

Reforçando as idéias expostas no parágrafo supracitado, Marcuschi (2005, p. 30) explica que “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.

Até aqui já vimos o quanto os gêneros podem ser considerados como recursos precisos para que aconteça uma interação; ainda são aplicados na coordenação de ações do ser humano e facilitar a comunicação a fim de alcançar o objetivo planejado. No cotidiano das pessoas é comum que os gêneros textuais façam parte das vivências porque eles acabam fazendo parte de cada cultura e contexto social, o que acaba dando características a inovadas comunicações que emergem e são necessárias para que atenda a perspectiva da atualidade.

Assim, deve ser conhecido por todos os professores antes mesmo se utilizar em sala de aula, quais são os gêneros textuais mais comuns e que podemos usufruir delas para desenvolver a leitura e escrita dos nossos alunos.

Telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de usos, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concursos, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2005, p. 23).

Nessa perspectiva, o professor deve desenvolver propostas de escrita e de leitura onde os alunos possam também de identificar. Assim, a produção escrita deixará de ser um fardo e passará a ser prazerosa.

As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita - ou seja, devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola - e assim, sejam textos de gêneros que tem uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade. (ANTUNES, 2003, p. 62-63).

Assim, o texto trabalhado precisa ter relação com a sociedade. Reproduzir as situações que o aluno possa fazer relação, comparação e verificar que a leitura e a escrita não está longe de sua realidade. A Orientação Curricular para o Ensino Médio (OCEM) dá enfoque à leitura, a prática do que se escreve e a formas de contextualizações e isso deve ter início desde a educação básica. Cabe ao professor buscar aprimorar suas práticas e compreender que da disposição dele está o ato de atualização dos conhecimentos.

É certo que a partir de práticas pedagógicas com gêneros textuais diversificados, o professor estará aprimorando a capacidade de o aprendiz ter percepção para aguçar diversos aspectos de um texto, podemos citar, por exemplo, saber quem escreve, para que escreve, porque escreve, quando escreveu.

Mas ainda existem muitos professores que exploram os textos de maneira muito tradicional, o que foge completamente das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que nos orienta que é necessário desenvolver atividades na escola com gêneros textuais, de modo que se estabelecem os textos como unidades de ensino e os gêneros como objeto de ensino – aprendizado. No entanto, muitas vezes os professores ficam desorientados inclusive os de Língua Portuguesa por não saber como viabilizar esse parâmetro. Então, fica compreendido que a formação inicial do professor é de fato insuficiente para que eles desenvolvam atividades práticas contextualizadas e atrativas aos alunos. Explicando isso, cabe a contribuição de Nóvoa (1992) ao explicar que:

A formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto de saber a experiência. (1992. p. 25)

Portanto, entende-se que o professor precisa ser um sujeito disponível a querer aprender mais e buscar sua contínua formação. Ser um investigador e pesquisador de novas didáticas que facilitem o ensino aprendizado.

A moça tecelã

Maria Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, irou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em fi lhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batíamos pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio fiou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse.

E antes de trancar a porta à chave, advertiu:

– Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Metodologia

A pesquisa realizada fez parte de uma investigação de campo. Participaram como sujeitos a professora de língua Portuguesa e 26 alunos do 6º ano ensino fundamental II de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande na Paraíba. Nesse sentido, como metodologia, desenvolvemos observações de campo *in lócus* da pesquisa com a pretensão de saber de que maneira a professora explora os gêneros textuais que são possibilitados no texto, realização de anotações diárias sobre tosa observação e leituras teóricas que fortalecessem as informações levantadas.

Todas as ações desenvolvidas partiram do estudo principiado através do texto A moça Tecelã, o qual a professora aplicou diversas atividades que levaram os alunos a interagirem e vivenciarem a prática da produção de diversos gêneros textuais.

Resultados e discussão

Inicialmente, fomos a campo com o intuito de desenvolver outra pesquisa. No entanto, ao dialogarmos com os professores percebemos que a professora de língua portuguesa estava bastante eufórica para desenvolver um trabalho e estava pedindo algumas orientações a coordenadora da escola. Aquela movimentação já nos chamou atenção.

Após o término desse diálogo, a professora foi comentar com outra professora o que pretendia desenvolver com seus alunos e como estávamos próximo, perguntamos se a idealizadora permitia a nossa observação em suas aulas porque aquele projeto tinha nos chamado atenção. A docente prontamente disponibilizou a nossa investigação.

Solicitamos a professora que nos mostrasse qual o objetivo do trabalho que estava projetando envolvendo os gêneros textuais partindo de um texto e ela nos respondeu eufórica que os alunos precisam ter novas formas de aulas e que não se contentava em estar ministrando aulas rotineiras e que já sabia das respostas dos alunos. Ela queria algo novo e resolveu explorar os gêneros textuais que poderiam ser encontrados no texto escolhido, no caso A Moça Tecelã.

O que nos chamou atenção foi o fato de a professora afirmar que ela já sabia quais gêneros poderiam ser encontrados no texto, mas que de repente os alunos poderiam achar outros que n em

ela tinha se atentado. Nesse contexto, ficam evidentes os estudos de Freire (2015) ao afirmar que o professor aprende ao ensinar.

Os estudos com os 26 alunos da turma do 6º ano tiveram início. A primeira ação da professora foi mostrar um vídeo sobre o que seria o ato de tecer. Após a exibição, houve questionamentos sobre as idéias expressas no vídeo e sobre a palavra tecer. Em seguida a professora desenvolveu uma atividade chamada teia pedagógica, onde colocou a palavra leitura no centro de um círculo e 10 linhas saindo desse círculo formando uma teia. A idéia seria fazer com que os alunos refletissem e escrevessem palavras que tinha relação com a leitura. Logo em seguida, os alunos discutiram sobre a importância do hábito de ler e os benefícios dela em nossa vida.

Em outra aula, a professora deu continuidade e levou um novelo de lã onde realizou uma dinâmica com os alunos formando uma teia. Nesse momento, percebemos todo o envolvimento dos alunos e o quanto estavam envolvidos. Após, a professora entregou uma cópia do texto A Moça Tecelã e pediu que todos fizessem uma leitura silenciosa.

A discussão sobre as idéias e interpretação do texto começou. Como os alunos já tinham estudados sobre vários gêneros textuais durante o decorrer do ano, a professora pediu que fizessem uma nova leitura, mas dessa vez atentando para quais gêneros textuais poderiam ser trabalhados por aparecerem no texto.

Nos discursos dos alunos puderam destacar vários gêneros como: receita, convite, anúncio (classificados), carta,

Ao apontar o gênero receita os alunos fizeram menção ao trecho: “Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido”.

Em relação ao gênero convite, os alunos destacaram-no porque como chegou um moço que casou com a moça tecelã pensou-se em criar um convite que seria de uma possível festa de casamento.

O anúncio foi mencionando porque como o marido sugeriu a moça tecelã que eles precisam de uma casa melhor, conseqüentemente, eles teriam que vender a residência que moravam, então se subentende que fica mais fácil vender uma casa através do anúncio de classificados.

O gênero carta foi destacado pelos alunos porque a moça tecelã ao tear um palácio foi colocada no último quarto do último andar e naquele lugar ela poderia fazer contato com ninguém, então o único meio de comunicação seria através de uma carta que seria enviada pelo pombo correio. “E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre”.

Diante das riquezas de contribuições, a professora solicitou que os alunos se subdividem em grupo e fez um sorteio entre as equipes para que produzem o gênero textual sorteado tendo como parâmetro as ideias expressas do texto trabalhado e logo após apresentariam entre eles.

Assim o fizeram e cada equipe apresentou um olhar diferente na produção dos gêneros. Essas ações foram construídas com atenção à escrita, a leitura e interpretação de texto.

Durante todo o tempo a professora esteve junto aos alunos tirando dúvidas e explorando os gêneros textuais. No momento das apresentações, a professora relembra as características de cada gênero e levava os alunos a refletirem se todas as características dos gêneros tinham sido supridas.

As ações da professora foram desenvolvidas em seis aulas de uma semana e percebemos que todos os alunos, sem exceção, estavam motivados para o desenvolvimento do que era proposto pela professora e ainda relataram que passaram a ler um texto com mais atenção observando as informações que estavam nas entrelinhas.

Verificamos aqui o quanto o estímulo à leitura destacado pela professora através de sua metodologia teve efeito positivo. Acreditamos também que todas essas atividades desenvolvidas só tiveram êxito devido a disposição da professora em procurar se atualizar e participar de formações continuadas para a melhoria de suas práticas.

Conclusões

Inicialmente, propomo-nos destacar que todas as etapas de observações forma de extrema importância para que pudéssemos colher os dados e analisá-los a fim de alcançarmos o nosso objetivo inicialmente proposto.

Essa investigação reforçou o conceito que tínhamos enquanto professores do quanto a formação continuada do professor têm efeitos no seu cotidiano e o quanto pode promover uma aprendizagem significativa. As práticas inovadoras estimulam os alunos ao hábito de ler, escrever, interpretar e sabemos que tudo isso o professor tem uma responsabilidade singular, pois se o professor aprende junto com o aluno acreditamos que o ponta - pé inicial para promover essa qualidade precisa partir do professor.

É possível promover aulas contextualizadas de modo que o aluno possa compreender que o que se aprende na escola faz parte do seu cotidiano e no momento que a professora dessa investigação desenvolveu ações com gêneros textuais partindo de um texto, os alunos puderam perceber que os gêneros trabalhados fazem parte do seu dia a dia.

Acreditamos ainda que o docente só consiga oferecer uma aula dinâmica e atrativa aos alunos se partir de si próprio o ato de e ser um pesquisador. Não pensar em apenas uma formação continuada partindo de um coletivo ou esperar por um evento e participar de diversas atividades, mas o simples fato de ele procurar investigar novas ações, realizar novas leituras de sua casa mesmo através de livros e da internet, novos dividendo teremos com nossos alunos.

A pesquisa revelou que à medida que o professor explora as idéias do texto e parte dele para trabalhar com gêneros textuais o aluno sente maior prazer em desenvolver leituras de textos diversos

Referencias Bibliográficas

- ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e interação**. 2. Ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais: tipificação e interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. [tradução e organização: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S.]. Campinas: Mercado de letras, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- MARCUSHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1992